



O Movimento-Uzume

Renato Ferracini // Lume

Em algum lugar do Japão mítico, Amaterasu, deusa do sol, enfurecida pelas travessuras do irmão, esconde-se em uma gruta e priva o mundo e os próprios deuses de sua luz divina. Uma reunião é realizada e muitos deuses vão até a gruta tentar dissuadir Amaterasu a sair para que o mundo conviva novamente com a luz. Alguns entoam canções sagradas, outros tocam instrumentos mágicos, mas Amaterasu está irredutível. A deusa Uzume, então, prende suas vestes, amarra uma faixa em torno da testa, sobe em um grande barril e começa a dançar e bater os pés. Com essa dança Uzume entra em êxtase e desnuda os seios e as partes íntimas. Nesse momento os outros deuses, vendo a situação na qual se encontra Uzume, soltam uma grande gargalhada. Amaterasu sai da gruta para ver o que está acontecendo, trazendo sua luz novamente ao mundo e palavras sagradas impedem que ela retorne.

O corpo em êxtase, o corpo em dança, o corpo em ação restaura a luz. Ele não pensa, porque pensar é uma ação, mas *é pensamento* e a partir deste pensamento age, cria e, portanto, resiste. Ele não possui memória, mas *é memória* e nessa memória recria, restaura e, portanto, se atualiza. No bater dos pés, na dança e no êxtase de Uzume, o mundo e os próprios deuses se enxergam novamente, não um si-novo ou um si-desconhecido, mas voltam a vislumbrar, através da luz, um mundo, ou um si-mesmo, como uma nova possibilidade de existência e desejo.

O corpo em criação, em dança, em arte, ao mesmo tempo, restaura e resiste ao Homem. Resiste se entendermos esse Homem como o sujeito centrado em uma individualidade e em uma identidade que o realiza e que, por isso mesmo, exclui o outro e a diferença; esse Homem cuja "invenção é recente" como diz Foucault. Restaura e recria, se entendermos esse Homem como um Si-Outro. Penso que esse corpo em criação gera esse espaço para poder puxar esse Si-Outro pela mão, mas ele puxa não o Homem sujeito e centrado em uma individualidade e uma identidade, mas cria uma fenda de entrada de luz e diz ao outro: venha, nessa fenda iluminada é possível criar, é possível jogar e brincar, é possível se relacionar. Criar essas fendas de luz, mesmo tão ínfimas, significa buscar uma postura positiva de vida, um dizer "sim" ao mundo. Dizer "sim" ao corpo-em-arte em resistência e, ao mesmo tempo, dizer "não" ao corpo inativo, estratificado, disciplinado, passivo, buscando colocar esse corpo engessado em movimento criativo, em linhas de fuga e campos de intensividade. Dizer "sim" à troca-em-arte, à inclusão, à diferença, à possibilidade de se relacionar com o outro, em resistência à *doxa*, à opinião, à frieza, à cristalização dessas mesmas relações, ou seja, resistir ao Homem individual e centrado em uma identidade fixa que expurga, através dessa identidade, o outro.

Mas como o corpo resiste? Como criar, se o corpo cotidiano está preso a um devir histórico? Como dançar um corpo cotidiano que é perpassado por relações de poder que o afetam, o articulam, o organizam, o disciplinam, enfim, o enristecem no sentido espinosista? Seria impossível a alegria de Espinosa? Restaria apenas navegar nesses macro devires históricos? Se o corpo cotidiano é constituído por mapas de relações, forças, devires e estratos históricos, além de agenciamentos singulares e coletivos que o perpassam, não estaria esse mesmo corpo cotidiano confinado a ser uma eterna recriação de *constructos* em devir dessas forças? Seria tudo um grande diagrama determinado por relações de poder? Estaríamos condenados a uma luta constante contra o poder por um lado e a submissão a ele por outro? É certo que o poder, como gerador de realidade e vida, gera também os próprios pontos e focos de resistências da vida ao poder; mas os próprios diagramas não param, por seu turno e na borda, de estratificar e tapar essas resistências. O que estaria além da linha de borda dos estratos e dos diagramas e desse movimento de resistência e estratificação da resistência inerente ao próprio poder? Seria o simples caos, o nada ou a morte? Deleuze, lendo Foucault, nos dá uma bela solução para esse impasse: existe um Fora, um

[...] fora mais longínquo que toda exterioridade [no qual] não há somente singularidades presas em relações de força, mas singularidades de resistência, capazes de modificar essas relações, de invertê-las, de mudar o diagrama instável. Existem até singularidades selvagens, não ligadas ainda, na linha do próprio fora. [...] É uma terrível linha que mescla todos os diagramas [...] que passa, quando chega o momento, por horríveis contorções e arrisca-se sempre a arrastar um homem quando corre solta (Deleuze, 1988: 130).

Mas, por mais terrível que possa parecer pelo turbilhão de suas singularidades selvagens, essa linha é uma linha de vida, pois não é agenciada pelas relações do poder-saber.

Se pensarmos nesse Fora como uma dimensão além dos estratos da relação poder-saber, teremos três dimensões distintas, múltiplas e comunicantes no corpo cotidiano: os estratos formais de saber, os diagramas virtuais de poder e esse Fora, com sua terrível linha de vida. O que restaria ao dentro do corpo cotidiano? Como se forma a dimensão do dentro, do interior? Ao dentro resta a dobra dessas dimensões múltiplas. Quarta dimensão: duplicar e curvar essas dimensões gerando uma dobra, um plissê de acontecimento no "interior" do corpo cotidiano. Curvar a força sobre ela mesma, fazer com que a força se relacione consigo mesma, afete a si mesma, curvando-se, dobrando-se, permitindo, dessa forma, fazer a força resistir à própria força, a forma resistir à própria forma: poder resistindo ao próprio poder, o saber resistindo ao próprio saber. Dobrar, também, a dimensão do Fora, causando um poder interno, plissado, que gera uma força de criação, uma força de pensamento, uma força de afetação, uma Alegria de Espinosa, uma força de linha de fuga dos estratos e agenciamentos, pois é uma dimensão no qual o próprio

Fora - esse além saber-poder, essa linha de vida - é dobrado, gerando, dessa forma, um Dentro também além das relações entre poder-saber. Um Dentro que é exteriorizado e ao mesmo tempo um Fora que é interiorizado. O interior do exterior ou ao contrário. Um lado de Fora - o mais longínquo - co-extensivo a um lado de Dentro - o mais profundo no corpo cotidiano e que, ao mesmo tempo, é sua pele.

Transpor a linha de força, ultrapassar o poder, isto seria como que curvar a força, fazer com que ela mesma se afete, em vez de fazer afetar outras forças: uma "dobra", segundo Foucault, uma relação de forças consigo. Trata-se de "duplicar" a relação de forças, de uma relação consigo que nos permita resistir, furtar-nos, fazer a vida ou a morte voltarem-se contra o poder. [...] não se trata mais de formas determinadas como no saber, nem de regras coercitivas como no poder: trata-se de regras facultativas que produzem a existência como obra de arte (Deleuze, 1992: 123 - grifo meu).

Existência como obra de arte: essa é a linha de fuga dos estratos e relações de poder. Criar, gerar e pressionar um espaço de desejo, um modo de existência criativa e o corpo cotidiano possui, virtualmente, na dobra desse Fora, essa força de criação, força de fuga, de reorganização e desautomatização. Essa potência de criação habita a dobra do Fora (não a dobra do exterior histórico estratificado, mas do Fora dos estratos), esse espaço co-extensivo dentro-fora, passado-presente. É na dobra desse lado de Fora - além das dobras dos estratos históricos, as dobras de poder e as dobras da Matéria - que reside o pensar; é aí que o pensamento resiste. E, se pensar é uma forma de criar (Deleuze), então é nesse campo que encontramos, finalmente, o poder de criação em estado virtual.

O poder de criação em estado latente no próprio corpo cotidiano, em sua dobra do Fora, é comum a todos enquanto potência. É esse mesmo poder de criação que gera linhas de fuga dos agenciamentos e estratos para a possibilidade de recriação de outros territórios. O corpo, mergulhado em um Plano de Organização, em seus conjuntos dos estratos, dos agenciamentos e das relações de poder, não cria, mas é criado; não pensa, mas é pensado; não agencia, mas é agenciado. Mesmo que esses conjuntos em movimento gerem, também, realidades e "verdades", criando, dessa forma, a própria realidade e pontos de resistência dentro do próprio diagrama - esses mesmos estratos e diagramas não deixam de destruí-los. Mas na dobra do Fora, nessa câmara central, cujo passado, em sua Memória, é co-extensivo ao presente, cujo Dentro é co-extensivo ao Fora, cria-se um espaço de vida, um campo intensivo, um "espaço virtual", no qual é possível, não somente viver, como criar (também pensar, mas o pensamento é criação!). Uma potência de vida e de criação imanente ao corpo cotidiano. Mergulhar no interior é também mergulhar no exterior, já que o interior é dobra do exterior, sendo, portanto, dimensões coexistentes. E, finalmente, mergulhar nessa dobra do Fora é também incluir o outro, pois nessa dobra o outro é a projeção de si, ou vice versa, já que o Interior é a projeção do

Exterior, ou vice-versa.

É nesse sentido que essa dobra do Fora, enquanto potência concreta de um corpo-subjétil (minha tradução sobre corpo-em-criação, corpo-em-dança, corpo-Uzume) cria uma possibilidade de criação, de uma fresta nos estratos e nos agenciamentos para puxar o outro pela mão. Essa zona dobrada, que chamo de corpo intensivo, é uma zona potencial de inclusão, de diferenças, de reduplicações. Nenhuma identidade, somente si-outros, sempre-outros, não-eus, eu como duplo do outro e o outro como minha duplicação. Novamente espaço não euclidiano. Espaço de Escher. E é nesse sentido que o corpo cotidiano é território primeiro do corpo-subjétil, pois é sua latência. Um lugar de encontros, lugar paradoxal, lugar de vizinhanças e partículas que se conectam, reconectam e desconectam, relacionando-se em velocidades infinitas.

E é a busca desse corpo-subjétil construído, ou (re)construído a partir do corpo cotidiano, na busca de uma atualização, e portanto, recriação desse corpo intensivo, que faz com que cada ator, dentro da proposta de trabalho do LUME, tenha sua própria técnica pessoal e única. Assim como cada um, através de sua história de vida, singular e social possui uma maneira particular de agenciamento, corporificação e atualização dessas “vivências”, criando para si seu próprio corpo cotidiano, cada ator, na construção de seu corpo-subjétil, construído a partir da (des)construção e (re)construção do corpo cotidiano, possuirá também seu próprio corpo-subjétil, transbordando ações físicas pessoais e únicas, criando, dessa forma, uma técnica pessoal de atuação que somente existirá em sua forma plena no momento da cena.

Enquanto atores, nosso movimento em direção à construção desse corpo-subjétil se realiza, portanto, em um mergulho cotidiano de descobertas nos fluxos mutáveis de partículas, estratos, relações de poder, linhas, dobras e memórias que dimensionam o corpo cotidiano, criando linhas de fuga para estados intensivos que se transbordam e são corporificados, realizando uma ressignificação desses fluxos e partículas, criando, assim, novos códigos corpóreos que serão, em última instância, fissuras, fendas e redobras dos mesmos estratos e agenciamentos que realizam o mesmo corpo cotidiano.

Assim sendo, esse mergulho e transbordamento corporificado e ampliado de partículas e fluxos do corpo cotidiano realiza-se não enquanto uma busca de essência individual ou social, mas por um movimento, um fluxo-refluxo contínuo, um mergulho e uma busca contínua que se transforma em ação física, no qual essa própria ação física causa um outro mergulho para uma nova busca que gera outra ação física (em micro ou macro densidades musculares) sucessivamente. Continuidade orgânica. Entrelaçamento. O ator, em treinamento, em trabalho pré-expressivo na busca por um corpo-subjétil, realiza-se por esse movimento. Ator enquanto fluxo, refluxo e busca de linhas de fuga e desterritorializações através da expansão do próprio corpo cotidiano em corpo-subjétil. Portanto,

seja qual for a definição do corpo cotidiano dentro do Plano de Organização, o ator, dentro desse próprio plano busca transbordá-lo, destruir suas linhas de borda, ultrapassar suas fronteiras, reorganizá-lo, movimentá-lo, desestruturá-lo. O ator, enquanto criador, é devir, *linha de fuga*, ou, em outras palavras, a ator enquanto busca e fluxo, constrói o corpo-subjétil na expansão do corpo cotidiano se transformando em linha de fuga das próprias partículas e linhas que, porventura, venham a definir o corpo cotidiano no Plano de Organização em que ele se insere. Desestruturar e desestabilizar a estrutura e/ou desestrutura – função do ator enquanto trabalho pré-expressivo na construção de seu corpo-subjétil. A tentativa de construção de um corpo-subjétil é permeada por fluxos e refluxos contínuos. Ele é devir. O corpo-subjétil se realiza por ser, além de fluxo e refluxo, uma busca, transformação e transbordamento de fronteiras para o mundo, através de ressignificações e (re)construções dele mesmo. É recriação eterna de outros mundos e perceptos, outros afectos – novas maneiras de sentir.

E como o ator busca essa recriação em *continuum*? Ele busca no corpo cotidiano e através dele; o ator transborda suas partículas e fluxos do corpo cotidiano, (re)construindo um corpo-subjétil. O trabalho de ator é busca e transbordamento no corpo, do corpo, através do corpo, para o corpo. Mas não devemos definir a busca de construção do corpo-subjétil nem como circular, pois nunca retorna ao mesmo ponto, nem como uma linha em seta que aponta para um interno, ou um “centro” fixo e imutável no qual reside alguma verdade única ou essência interior imutável, nem como uma linha em seta que aponta para um fora, numa busca por uma ascese espiritual ou de qualquer absoluto que se encontre fora dele, mas a busca de construção do corpo-subjétil se realiza como uma espiral que nunca toca o mesmo ponto, mas retorna em ciclos de eterna reconstrução de seu próprio corpo; uma espiral realizada através do corpo, no corpo, pelo corpo e para o corpo. Assim o trabalho de ator não se realiza circularmente, mas por uma helice dal infinita. Um Movimento Uzume.

Referências Bibliográficas

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O que é Filosofia*. Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro : Editora 34, 1992
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. Claudia Sant’Anna Martins. Revisão Janine Ribeiro. São Paulo : Editora Brasiliense, 1988
- . *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo : Editora 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques e BERGSTEIN, Lena. *Enlouquecer o Subjétil*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1998.
- MAYER, Fred e IMOOS, Thomas. *Japanese Theater*. Londres : Studio Vista, 1977.